ANNO 10.º — Sexta-feira, 25 de Maio de 1917 — (AVENÇA) — Numero 474

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
——(*)——
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

UM GRÁVE PROBLEMA

Em fins do mez passado, publicaram alguns diarios, e entre eles o *Seculo*, diversos artigos, fazendo vêr quanto a situação financeira de Portugal será, no futuro e em consequencia dos pesados encargos que nos acarreta a guerra mundial, dificil, insoluvel quasi.

Com efeito, segundo a doutrina desses artigos, que não deve andar longe da verdade, mesmo que calculemos sómante em 300:000 contos o aumento que a nossa divida publica experimentará em resultado da intervenção de Portugal na formidavel conflagração, precisaremos, ao juro, que não é excessivo, de 5 p. c. ao ano; de mais 15:000 contos de receita anual só para salvar os juros desses novos encargos.

Onde ir buscar tal quantia? A novos impostos? Pensá-lo é uma fantasia. Evidentemente, a capacidade tributaria do país não comportaria semelhaute agravamento das contribuições.

Devemos, pois, pôr-nos á espera de que esses 15:000 contos advenham do natural desenvolvimento das diversas fontes de receita? Afigura-se-nos gráve erro. Só no decurso de bastantes anos o jogo dos diversos factores da actividade nacional lograria aumentar de 15:000 contos as receitas do Estado. E, emquanto esse resultado não fôsse atingido, viver-se-ia no regimen, que foi o cancro financeiro do pseudo constitucionalismo brigantino, do *deficit* permanente, recaíndo-se no ciclo vicioso de contrair emprestimos para saldar constantes *deficits* e de abrir *deficits* por causa dos encargos dos novos emprestimos.

De modo que, quando, ao fim de alguns anos, as receitas tivessem subido ao nivel de mais 15:000 contos de encargos anuaes, já esses encargos estariam, não em 15, mas em 20 ou 25:000 contos.

Como se está vendo, parece não ser este o caminho que conduzirá á solução do problema.

E poderá ele, na realidade, ser resolvido? Ou encontrar-nos-emos á beira do imenso abismo sem fundo, onde, segundo as profecias do socialismo, os regimens capitalistas burguezes correm risco eminente de despenhar-se?

Julgâmos que ainda não é desta vez que a perdição sinistra se volverá em realidade.

A situação financeira de Portugal não é mais que um caso particular de um facto geral. Como nós e, em geral, mais que nós, todas as nações envolvidas no cataclismo que, vai em 34 mezes, vem desabando sobre a Humanidade vêem as suas dividas publicas acrescidas em proporções estupendas.

Finda a guerra, verá Portugal os seus encargos financeiros aumentados de 15 a 20:000 contos anuaes e a sua divida publica elevada de 800:000 para 1.100:000 ou 1.200:000 contos?

Pois bem: para não dizermos pois mal, a Inglaterra, a França, a Italia, a Russia, a Austria e a Alemanha verão as suas dividas publicas duplicadas, triplicadas, ou mesmo quadruplicadas e os respectivos encargos aumentados de milhões de contos,

Algumas destas nações, especialmente a Inglaterra e a Itália, tentaram, no começo da guerra, fazer face, pelo lançamento de novos impostos, ou pelo agravamento dos já existentes, ao serviço das somas pedidas ao crédito; há muito, porêm, que êste recurso se deve ter revelado insuficiente; e hoje todos apelam para o emprestimo a descoberto, ou quasi, deixando ao futuro o cuidado de solver, senão a totalidade, pelo menos a maior parte dos encargos que estão contraíndo.

Segundo as declarações de Bonar Law, em 3 do mês corrente, na câmara dos Comuns, as despezas feitas pela Gran-Bretanha com a actual conflagração estavam, á data, em 170 biliões de francos.

Reduzindo a moeda portuguêsa e dando ao franco a cotação de 20 centávos obtem-se o estupendo número de 34:000:000 de contos!

Para fazer face aos encargos desta soma, e unicamente, excluindo qualquer amortisação, aos encargos dos juros, e computando êsse juro em 4 °/o, serão precisos 1:360:000 contos anuaes.

E que o sorvedouro continua aberto prova-o o orçamento apresentado, há poucos dias ainda, por Bonar Law, á mesma câmara. Nêsse documento, sendo as despezas avaliadas em 11:450:000 contos, propõe-se o ministro britânico custeá-las com 4:190:000 contos de receitas, além de 7:285:000 contos, que deverão ser obtidos por meio de novos empréstimos!

Sabido que, antes da guerra, os rendimentos do Reino-Unido orçavam por um milhão de contos, será rasoavel admitir-se que as fontes de receita da Inglaterra possuam tal elasticidade que seja possivel, chegada a hora da paz, triplicar ou quadruplicar o seu rendimento? Sería quimérico esperá-lo.

Assim, uma vez encerrado êste tremendo período guerreiro, encontrar-se-á a Gran-Bretanha, similarmente a Portugal e ainda em maior gráu, perante uma situação financeira gravissima:—uma divida publica enorme, cujo serviço absorverá duas ou tres vezes a receita daquele estado nos ultimos anos que antecederam a guerra.

Em situação análoga se verão as restantes grandes potências europeias e muitas das de segunda ordem, tanto as que combatem sob a bandeira dos aliados, como as que formam o blóco antagónico. O mal será o mesmo por toda a parte: dividas públicas monstruosas e a manifesta impossibilidade de serem elevados os rendimentos públicos á altura de as satisfazer.

Não será, portanto, ao aumento das contribuições que se poderá ir buscar remédio para um tal estado de coisas. E' preciso encontrar outra solução e esta, segundo já se começa a antever, basear-se-á na acção conjugada de tres factores:—redução das despezas militares, abaixamento das taxas de juro das dívidas públicas e aumento dos impostos.

Uma vez vencidos os impérios centraes, impõe-se, como condição imprescindivel da paz final, o termo da orgia militarista, originada, sobretudo, pelos incessantes armamentos da Alemanha.

O desarmamento, senão total, pelo menos levado aos extremos limites do possivel, é fatal. Em vez da voz sinistra dos canhões, passará a ser ouvida, nos conflitos internacionaes, a voz serena dos tribunaes. A Humanidade, como preço da horrivel hecatombo que a está dizimando, deverá entrar na fase do Direito, na éra, há tanto anceada, da paz universal, em que, da mesma fórma que já acontece para com os individuos, seja a lei e não a força o que derima os conflictos entre os povos. As avultadissimas somas que a supressão dos inumeraveis exercitos e das gigantescas esquadras tornarão disponiveis reverterão para o serviço das dividas publicas criadas pela actual luta internacional.

Mas bastarão? Certamente que não. Será então o momento de suprir pelas reduções nos juros das dividas publicas e pelo aumento dos impostos o que ainda faltar.

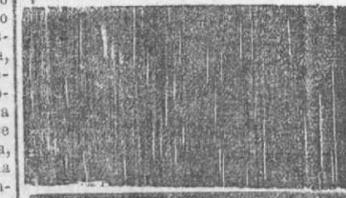
Taes são, parece, as unicas soluções exequiveis para a angustiosa situação financeira criada por este conflito atroz, que a Alemanha desencadeou.

Gremio Republicano do Distrito de Aveiro

Com data de 12 do corrente foi comunicada á direcção do novo agrupamento politico, com séde nesta cidade, o reconhecimento feito pelo Directorio do Partido Republicano Português onde se inscreveu após a sua constituição.

Governador civil

Será possivel? Consentir-nos-á a censura que desta vez noticiemos que está exercendo as funções de governador civil do distrito de Aveiro o sr. dr. Adriano Amorim, republicano de fresca data, marcado com o carimbo da célebre casa da Verz Cruz, onde se acoitam os não menos célebres *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, da chefia do Ministro da Instrução?

Os artigos sobre o snr. governador civil teem sido todos degolados. Que diziamos nós que merecesse esse sacrificio?

? Mas isso é uma verdade. Uma verdade insofismavel, uma verdade que ninguem póde contestar. Como verdade é que para o snr. Adriano Amorim ser guindado ás alturas em que se encontra, se desconsiderou um velho republicano com larga folha de serviços, continuando-se assim aquela politica de compadres que o novo governador bem deve conhecer dos tempos em que se dizia fiel soldado do rei, dedicado, embora obscuro.

Mais nada. No primeiro artigo não se dizia mais nada. E contudo a censura inutilisou-o, naturalmente para dar a impressão de coisas tetricas e deprimentes contidas nessa infeliz coluna de prosa.

Oh! A censura de Aveiro, a censura de Aveiro!...

"O Democrata,, aos seus assinantes

De todas as crises por que este semanario tem passado, crises motivadas pela acintosa perseguição de que tem sido alvo durante a sua existencia, temos a franquêsa de confessar que ainda nenhuma o afectou tanto como a da época presente. Causa: o preço elevadissimo do papel, que, em constantes e vertiginosas subidas, estamos a pagar quasi pelo quadruplo que nos custava, de qualidade superior, antes da guerra, com a agravante de o termos de satisfazer á vista ou num curtissimo praso concedido pelos fornecedores menos exigentes alguma coisa. Ora uma situação destas é extremamente penosa para quem, como nós, não dispõe de capitaes e em tal conformidade resolvemos apelar para os nossos assinantes, solicitando-lhes apenas o pagamento adiantado do jornal, unica fórma de atenuarmos, sem sobrecarrego para ninguem, as dificuldades do momento atual, esbatendo os apuros em que nos vimos com a industria papeleira.

Certos de que o nosso pedido será considerado por todos como dos mais justos atentas as circunstancias que o determinam, desde já agradecemos o bom acolhimento dos recibos quando lhes forem apresentados, inclusivé áqueles, poucos, assinantes que se acham em atrazo e que agora muito nos penhorariam pondo em dia as suas contas.

Aproveitando o ensejo, rogamos tambem aos bons amigos que na **Africa, Brazil, China, Macáu, Congo, Buenos-Aires, Japão, India, California, Açôres** *e, enfim, em todas as terras de além-mar onde recebem o Democrata, a finêsa de mandarem saldar os seus recibos como melhor entenderem, fineza que desde já agradecemos e tomâmos na devida consideração.*

Politica local

No sabado passado foi pela direcção do *Gremio Republicano do distrito de Aveiro* enviado ao sr. dr. Afonso Costa, presidente do ministerio, o seguinte despacho telegrafico:

Ex.mo Sr. Dr. Afonso Costa
Lisboa

Chamâmos a atenção de V. Ex.ª para a fórma facciosa e imprudente como se está fazendo a politica de Aveiro, excluindo, desconsiderando e agredindo velhos republicanos que teem dado sobejas provas de isenção e dedicação ao partido. Se não queremos que o snr. dr. Barbosa de Magalhães, a sua familia e seus protegidos sejam desconsiderados por ninguem, não podemos tambem consentir, sem protesto, que em nome dos interesses menos legitimos dessas entidades se sacrifiquem aqueles a quem a Republica muito deve e que nada mais querem que a observancia dos mais elementares principios da lealdade e solidariedade partidarias.

A preponderancia dos republicanos recentes na politica e na administração publica, com preterição sistematica dos velhos e sacrificados, traz um desalento que não podemos deixar de confessar a V. Ex.ª. Temos, pois, o direito de esperar que V. Ex.ª não consentirá por mais tempo numa politica de grupo e de clientéla dentro do partido e feita pelos proprios membros do Poder, em detrimento dos principios essenciaes a uma Democracia tanto mais que a continuação dessa politica é absolutamente funesta á união, força e engrandecimento do partido no distrito.

19—5—1917.

Pelo Gremio Republicano do distrito de Aveiro

(aa) *Antonio M. Marques da Costa*
Samuel Tavares Maia
Elisio Filinto Feio
Alberto Souto.

Não sabemos qual tenha sido a resposta vinda de Lisboa nem tão pouco a impressão causada no espirito do ilustre chefe democratico pelas verdades que este telegrama encerra. Naturalmente leu, sorriu e... passou adeante.

Pois os republicanos de Aveiro tambem se hão-de rir quando virem, um dia, a influencia dos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, chefiados por Barbosa de Magalhães, posta á prova.

Até rebentam o cós...

...e procurador

Démos no ultimo numero do *Democrata* a noticia de que havia sido colocado, como notario, em Aveiro, o sr. Adelino Leal, cuja posse, segundo nos parece, ainda lhe não foi dada. Hoje, porêm, cumpre-nos acrescentar que s. ex.ª é tambem nosso *procurador*, apezar de completamente extranho á terra, pois já *conferenciou com os ministros do Interior e Instrução sobre assuntos da politica local*, no dizer de alguns jornaes.

Felicitâmo-nos.

QUAL FOI?

Mas então é absolutamente impossivel ou terminantemente vedado aos miseros mortaes conhecerem qual tenha sido a rasão urgente do serviço publico que fez governador civil, sem o visto do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, o sr. dr. Adriano Amorim?

Chovem sobre a nossa humilde meza de trabalha inumeras perguntas sobre este curioso caso e estamos impossibilitados de responder.

Haverá alguem que nos elucide de porquê tanta pressa na referida nomeação?

Tumultos em Lisboa

25 mortos, 200 feridos e 3:000 contos de prejuizos

Fumégam ainda por Lisboa as espingardas que fusilaram o povo, esfomeado, atingido pela loucura do desespero, imbecilmente abandonado por aqueles a quem cabia e cabe o indeclinavel dever de prevenir e remediar os males publicos e que se entretiveram mezes consecutivos em estereis discussões, empregando o tempo em chicanas e expedientes para arredar dum ponderado exame os assuntos gráves, importantes, urgentes que se esboçavam no seio da chamada *representação nacional.*

A' hora a que escrevemos, dispensadas as formalidades legaes que para o caso presente nada valem, devem estar sepultados os cadaveres das vitimas dos erros, do abandono e da inepcia de quantos atingiram as culminancias do Poder, quando nunca deveriam ter saído do acanhado ambito da sua acção e da ignorancia da sua existencia.

Se houve crimes, se houve excessos dispensaveis, violencias desnecessarias, tudo foi a logica, a insofismavel consequencia da eterna psicologia das multidões e ainda um resultado fatal de outros crimes maiores, como os que significam e traduzem a indiferença cinica do abandono a que foram ha tanto votados os interesses do país.

A esta hora continuarão a gemer nos catres dos hospitaes os feridos; nas prisões as numerosas mulheres e menores que a fóme levou para a frente das espingardas dos janizaros de outr'ora, agora exibidos com outros... disfarces nos fardamentos.

Nos tempos idos tambem se empoleiravam pelas varandas e torre da igreja de S. Domingos, varejando o Povo! Hoje foi no Rocio, alvejando os transeuntes que seguiam pelas ruas e calçadas circunvisinhas.

Este jornal, destinado ao registo dos acontecimentos, não chegaria a comportar uma pequena parcela sequer de quanto de destroços, de violencias, de desespero, de luta se desenrolou na capital, entre milhares de creaturas famintas, alucinadas, em pleno desespero pela exploração e vil ganancia de uns, pela indiferença, pelo abandono criminoso de outros.

Mas ninguem suponha apaixonadas as nossas palavras.

Mais alto do que elas dizem, escrevem, relatam insuspeitos jornaes afectos a alguns dos homens do proprio govêrno e ainda devotados defensores das instituições.

A *Capital*, por exemplo, é um deles. E como esse diario muitos outros marcam a ferro em braza quanto directa, indirecta, conscientemente ou inconscientemente estão a concorrer para a abertura do sinistro abismo para onde se vai empurrando a nacionalidade portuguêsa.

Não exibam os acrobatas da palavra, burilando periodos e enfeitando tropos a preparar a defeza dos unicos responsaveis por tudo que se passa; não venham chamar a esse movimento, indiscutivel e insofismavel consequencia da fóme, embora vários *pescadores* o aproveitassem para satisfação dos seus odios ao regimen; não venham classifica-lo cobardemente de manifestações germanofilas, atentados contra as instituições, quando o proprio ministro do interior afirma que o sucedido é a resultante imediata do agravamento da crise economica e a imediata da cooperação de vários elementos perturbadores da ordem social, na expansão popular que, inicialmente, se produziu com abstenção de quaisquer intuitos politicos.

Foi esta, pelo menos, a feição critica das considerações feitas pelo sr. dr. Almeida Ribeiro a alguns correspondentes estrangeiros que o procuraram e que nesse sentido informaram os seus jornais.

E tanto não foi politico, tanto não foi mais do que um movimento de mal estar caracterisado nos seus efeitos e na sua orientação, que para o constatar bastará lêr o manifesto ao operariado, distribuido em Lisboa na terça-feira ultima.

Esse documento, que bastante esclarece a situação e os acontecimentos desenrolados, é dirigido —*Ao povo trabalhador*—e nele se declara que a organisação operaria entrou na primeira *étape* que havia em vista, isto é, levou os comerciantes e açambarcadores a refrear a exploração que vinham exercendo sobre o consumidor. Está atingida a primeira *étape*, diz, e por isso aconselha que se regresse ao trabalho, sem que tal atitude signifique desarmamento, porque é possivel que em bréve a classe operaria tenha de voltar a manifestar-se com energia, no caso de que o govêrno pense em exercer perseguições.

Aconselha por ultimo o govêrno a que não mande retirar dos lares os generos que cada um levou dos armazens de viveres.

E nisto se resume o ataque ás instituições; as manifestações germanofilas, com que cinica e mentirosamente determinada imprensa pretende cobrir a verdadeira causa de todo esse pavoroso espectaculo que vimos ha dias espantando o mundo!

Antes tal imprensa acordasse o sagrado cumprimento do seu dever áqueles que são, por exclusão de partes, os verdadeiros responsaveis por o que a esta hora a Historia escreve a sangue nas suas lutuosas paginas.

Homens do Govêrno, dirigentes da Nação: lembrae-vos dos vossos deveres, das vossas obrigações, recordando-vos que este povo tanto se bate pela restauração das suas liberdades como pela satisfação das imperiosas necessidades da sua existencia!

E levantae a suspensão de garantias.

OS GRANDES ROUBOS

Jornaes de Loanda esta semana aqui chegados, e com especialidade o *Jornal de Angola*, dão pormenores dum importante roubo de que foi vitima na noite de 28 de fevereiro para 1 de março, o nosso estimavel amigo snr. José Moreira Freire, que naquela cidade possue, ha muitos anos, um dos melhores estabelecimentos de ourivesaria e relojoaria existentes na importante cidade, concluindo-os com a agradavel noticia de terem as autoridades intervido a tempo de poderem apreender aos audaciosos gatunos todos os valores, constantes de objectos de ouro e pedras preciosas, avaliados em 12 contos.

O assalto foi posto em pratica por alguns degredados que continuam a mostrar em Africa o que foram no continente, motivando tais proêzas dos *respeitaveis inquilinos* da Fortaleza de S. Miguel um bem deduzido artigo do confrade acima citado, o qual é digno de ser ouvido pela razão que lhe assiste em todas as considerações feitas.

Ao sr. Freire felicitâmo-lo por os seus inesperados *visitantes* não terem chegado a dividir o bôlo.

JUNTA GERAL

Reune hoje para apresentação de contas, sob a presidencia do sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas, devendo na mesma sessão serem tratados os de mais assuntos pendentes da assembleia magna.

Piolhosos

—=(*)=—

O nosso colêga do Porto *A Montanha*, noticiando na sua edição de domingo o facto de ter sido protestada a eleição da Comissão Municipal Republicana Evolucionista, termina assim essa local:

....

Francamente: não prestigia ninguem e muito menos um partido, que o seu principal corpo dirigente ficasse marcado pela lista do *Mata e Rouba*.

Foi isto e varias falcatruas cometidas que levaram muitos evolucionistas a protestar a eleição, em que o *Mata e Rouba* desempenhou o principal papel da conhecida *comedia Chasco, Cagassal & C.ª*.

Que o *Mata e Rouba* se diga evolucionista, como sujeitos da sua força se dizem democraticos, para duma ou outra fórma se *governarem*... Mas consentir-se que tais vigaristas da politica, com cadastro, se intrometam em coisas sérias dos partidos republicanos, quando o seu caracter e a sua moral os denunciam como capazes de serem hoje evolucionistas ou democraticos, como voltam a ser depois monarquicos ou avançam para o socialismo, desde que os deixem *comer* socegadamente, isso nada depõe a favor de quem já lhes conheçam tais *virtudes*...

Mesmo considerado regenerado, o *Mata e Rouba* nunca poderia passar dum obscuro e desconhecido galucho do evolucionismo.

Mas não só ele se arma em *orientador e dirigente* do Partido Evolucionista, como conseguiu um logar na Republica que devia estar ocupado por um homem que o honrasse pelo seu passado e pela sua fé republicana.

O *Mata e Rouba* é, como se vê, outro da categoría de muitos piolhosos que infestam a Republica.

E quem lhes aplicasse pós de Joannes?...

Pela instrução

Foi convertida em mixta a escola do sexo masculino da Taipa, freguezia de Requeixo, deste concelho, constando-nos que o mesmo vai acontecer a outras nas condições daquela.

Iluminação publica

—=(*)=—

A câmara enviou-nos ha dias um oficio-circular onde nos pede que exponhemos a nossa opinião sobre o importante assunto, tomando por base o relatorio elaborado pela comissão especial que escolheu para o estudar e deu o seu parecer, determinando-se pela solução dum caso que entendemos não ser agora melhor ocasião de discutir, mas sim quando acabar a guerra e tudo voltar á normalidade, como manda o mais elementar principio de economia e bôa administração.

Gaz e electricidade é o ideal. Pelas duas coisas pugnaremos para que sejam estabelecidas na nossa terra, lamentando apenas que isso não possa ser uma realidade já ámanhã. Mas as circunstancias do momento que atravessâmos sobrelevam a tudo e nós sômos daqueles que pensam como os previdentes que recomendam a maxima cautela em tudo que se tenha de dispender, olhando o futuro cada vez mais enegrecido pelas pesadas nuvens que o ensombram.

E deixemo-nos de retoricas: os candieiros de petroleo, distribuidos como devem ser, satisfazem. Transitoriamente, satisfazem, devendo ser essa a unica iluminação que a câmara deverá manter até terminar o grande conflito armado e então possa, em condições favoraveis, restabelecer a normalidade no sistêma iluminante a que esta cidade tem direito.

Com franquêsa o declarâmos.

E... mais nada.

....

O que nós vimos aqui principalmente saudar é a tenacidade, a coerencia, o sacrificio, o heroismo e a fé num ideal; é o caracter, que não permite tergiversações com a consciencia, que não consente desfalecimentos na conduta, que não ilude compromissos, nem sofisma afirmações; o caracter pedra de toque que autentica o ouro sem liga das almas, timbre que enobrece as consciencias sincéras, brazão que autentica as fidalguias do espirito.

(Do discurso de Mayer Garção, director de *A Manhã*, lido por ocasião do descerramento da lapide na casa onde nasceu França Borges).

ERA DE PREVER

—=(*)=—

Aquela famosa *harmonia iberica*, cantada em diversos tons na imprensa espanhola e em alguma... portuguêsa, vai, enfim, entrando no verdadeiro e indispensavel periodo da... desarmonia que é quanto neste momento se torna necessario a bem da nossa autonomia e da nossa existencia.

Bem entendido: desarmonia, restringida apenas a desafinar a harmonia que se pretende estabelecer e a respeito da qual, pela imprensa lusitana, se vai lendo estes periodos consoladores:

Nuestros viciños voltam a gritar na sua imprensa, nos seus comicios e nas suas palestras o *velho e relho* têma do iberismo. Ha alguem na Espanha que maquina contra a nossa integridade, contra a nossa independencia, contra a nossa liberdade politica. Primeiramente, deitou o balão de ensaio a que chamou *harmonia iberica;* mas, agora, desmascára o jogo e, rudemente e com aquela fanfarronice nata do castelhano, declara que não é aproximação mas sim *anexação*, isto é, a conquista pelas armas do nosso querido e glorioso torrão! Sobre o assunto, eis como se exprime Vicente Gay, professor da Universidade de Valladolid, no livro que acaba de publicar, sob a epigrafe *El Imperialismo y la Guerra Europea: «Para realisar La Union Iberica, que és un ideal y una necessidad, un fin lleno de valor objectivo, hay un camino eficaz y possible: — La anexion de Portugal a España!...»*

Um tal *Lorenzo*, homem de valor politico e intelectual, tambem se exprime identicamente, e, no geral, todos os espanhoes consultados afinam pelo mesmo diapasão... A discutida harmonia é um *truc*, nem mais nem menos do que a conquista, o fim da nossa nacionalidade! E parece que ha *Migueis de Vasconcelos* que vão na fita... Carecemos, pois, de nos acautelar! Nada de casamento ou aproximações com a Espanha. Recordemo-nos da dominação filipina que tanto nos vexou, esmagou e pretendeu exterminar a nossa altiva raça lusitana!

Sob o dominio de Espanha, nunca mais. Tudo, menos tal calamidade afrontosa! E se degenerados houver que ajudem á perda da nossa independencia politica, recorreramos a todos os meios ao nosso alcance para os justiçarmos! Leguemos a nossos filhos o que herdamos de nossos pais! Antes a morte que a deshonra!

A Patria acima de tudo, custe o que custar. Punhâmos de parte ideais politicos e desavenças, e unamo-nos todos para defender, leoninamente, o sagrado torrão luso.

Amisades perigosas, uniões, aproximações com a Espanha, nunca!

Nada, nada, tambem dizemos, lembrando-nos do anexim: *de Espanha nem vento nem casamento...*

O LIÇEU

Com a elevação do nosso liceu a central, vieram dar mais animação á vida pacata da população aveirense algumas dezenas de estudantes. Os beneficios resultantes do acrescimo de mais duas classes não compensam, nem de longe, os grandes sacrificios impostos ás minguadas receitas do municipio, encargo que, com toda a equidade, devia recair na devida proporção sobre as câmaras visinhas, que bastante lucraram com a actual categoria do liceu, pois não sôa bem que sejam tantos a comer os figos e só um a rebentar-lhe os beiços. No entanto, é louvavel o procedimento do municipio, por se mostrar animado do desejo de engrandecer esta terra, sujeitando-se a um encargo que, cremos, será temporario.

Para satisfazer ás necessidades do ensino que trouxe consigo a elevação do nosso liceu a central, está este já dotado de comodidades e melhoramentos que poucos estabelecimentos similares usufruem no país.

Este incremento, merecedor de todo o elogio, deve-se sem duvida, á rasgada e inteligente iniciativa do seu digno reitor, sr. dr. Alvaro de Moura, que tem compreendido, a preceito, a sua missão á frente daquela casa de ensino.

O barulho ensurdecedor no largo fronteiro ao edificio e no atrio, desapareceu por completo.

Com toda a comodidade e decencia se construiram no recreio, propriedade do liceu, umas arcadas suficientemente amplas, com torneiras de agua potavel e higienicas retretes. No recreio aguardam os alunos o toque para as aulas, donde sáem sempre na melhor ordem, o que é de um alto alcance para o ensino e disciplina escolar. A entrada para o edificio tem lugar por uma nova escada de cantaria, lançada directamente do atrio por debaixo das antigas retretes, melhoramento este que era suficiente para enaltecer a acção do sr. dr. Alvaro como reitor.

A indisciplina e desrespeito de outros tempos desapareceram por completo, e sabemos que todos os professores teem por sua ex.ª uma grande estima e veneração, cooperando com ele da melhor boa vontade no que fôr necessario para o engrandecimento moral e material do belo estabelecimento de ensino, que Aveiro póde orgulhar-se de possuir.

TEATRO AVEIRENSE

A'manhã e domingo realizam-se duas atraentes récitas promovidas pelo *Club dos Galitos*, sendo a primeira em beneficio dos soldados de infantaria 24 que chegaram mutilados dos campos de batalha.

Para os dois espectaculos foi expressamente reorganisado o antigo grupo scenico *Tricanas e Galitos*, que tanta aura teve durante o tempo da sua existencia, ha anos, vindo tomar parte neles, como figura indispensavel, a aplaudida amadora, nossa simpatica conterranea, Augusta Freire.

Representar-se-ão as conhecidas zarzuelas *Marcha da Cadiz* e *A Pastora*, em cujos córos entra um distinto grupo de tricaninhas, estando os principais papeis distribuidos por fórma a esperar-se um magnifico desempenho de ambas as peças escolhidas.

Os bilhetes acham-se quasi esgotados.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Central*.

Parlamento

As constantes faltas dos representantes da nação ás sessões parlamentares, estão sendo motivo de gerais censuras do norte ao sul do país, havendo até um diario, *A Capital*, que põe em relêvo a acção nula, sem deixar de ser dispendiosissima para o tesouro publico, dos legisladores, que andam por Lisboa a tratar de tudo menos do que importa ao interesse colectivo de um povo, como o nosso, a caminhar para a extrema mizeria.

Leiam estes excertos do artigo publicado no sabado naquele jornal e digam-nos depois se isto caminha bem, se isto é toleravel:

O primeiro periodo legislativo findou e os orçamentos não só não estavam votados como nem sequer tinham pareceres da comissão respectiva. Mas perdoemos essa falta. Passemos por cima dela. Façâmos de conta que o parlamento não discutiu nem aprovou o orçamento, não por preguiça mas por falta de tempo. E de harmonia com esse critério passa culpas, olhemos para o que lhe absorveu toda a actividade legislativa. O país ha tempos que vem caminhando para uma crise pavorosa, que começa agora a fazer-se sentir de uma maneira quasi sinistra. A fome, que já está batendo á porta de muitos lares, de ha muito que projectava sobre a terra portuguêsa a sua sombra tragica. Sabia-se que o pão faltaria e que, por carencia de transportes, se caminhava para um iscolamento tal, que poucas industrias podiam continuar a exercer-se. Pois bem: o que fez o parlamento nos quatro mezes que a Constituição marca para que ele faça tudo o que o país exige de ela?

Nada. Ou melhor—fez politica —a reles politica dos partidos, a nojenta politiquice dos caciques, da caça ao voto, da compra de influencias, da desorganisação e da corrupção nacionaes, a qual nos levou á linda situação em que nos encontrâmos. Projecticulos aos feixes, deliberações de caracter restricto quando não são simples e manifestamente pessoaes, debates campanudos, que consomem ondas de retorica para se saber... aquilo com que, cá fóra, ninguem se importa, propostas ridiculas que raras vezes deixam de trazer nas suas dobras lancetas com que os cofres publicos são cruelmente sangrados, eis o que saiu do confuso palacio de S. Bento desde janeiro a abril, durante quatro mezes de sessão legislativa, em que deputados e senadores compareceram em S. Bento com a regularidade conhecida de todos. Terminado o periodo constitucional de côrtes, fez-se a primeira prorogação, até 16 de maio. Para quê? Para se votar o orçamento. Pois a primeira prorogação expira e nem sequer um orçamento está aprovado! E' um cumulo? E'. Dar-se-á, porêm, o caso de se ter faltado ao compromisso tomado para com o País por ter sido necessario discutir medidas que retardassem a asfixia que ameaça dar cabo de nós todos?

. . . .

... Quem atentar na obra do Parlamento durante o periodo que vai de 2 de dezembro a 16 de maio reconhecerá que ela é caracterisada, sobretudo, por uma inconsciencia sem limites, pôr uma absoluta falta de atenção que os eleitos do povo teem tido pelas necessidades e pelas mizerias crudelissimas que afligem esse mesmo povo.

Nem patriotismo, nem amor á Republica, nem compostura dos representantes da Nação, que lhes paga pontualmente, revelaram durante esses cinco mezes e meio de Parlamento, que decorreram com uma tal esterilidade, que parece não estar mesmo guerra e não ser preciso adoptar, para contrariar os efeitos desta mesma guerra, medidas do mais alto alcance, de administração e de previdencia, atinjam elas quem atingirem, firam elas quem quer que seja. Deputados e senadores deviam ser os primeiros a cumprir os seus deveres. Pois todos os dias se assiste a esta fantastica coisa de ser preciso esperar mais de tres quartos de hora para que haja numero, o que nem sempre se consegue, motivo porque as câmaras deixam frequentemente de funcionar.

. . . .

O Parlamento não tem dado de si coisa que se veja. Tem sido arido como o deserto e sêco como um pedaço de madeira, cortado ha dois mil anos. Mas em compensação projecta fazer muito, colaborando com o govêrno, que projecta fazer muito mais. Uns e outros trazem na cabeça, a fermentar-lhes nos miolos, abundantissimos planos que seriam capazes de inundar de oiro o País, no dia em que os deitassem cá para fóra. Mas não deitam. E' que tudo isso se lhes atropela no craneo, como dentro de um globo pódem atropelar-se, sacudidos á doida, duzias de bugalhos que lá se encerrem. A's medidas salvadoras, que cohabitam nos atormentados cerebros legislativos, nenhum estadista poderá dar fórma concreta. Dai, todas elas estarem condenadas a permanecer indefinidamente no periodo de incubação em que se encontram presentemente. Não ha prorogação que as traga cá para fóra, muito embora quem recebe um salario tenha o dever moral de dar em troca trabalho proficuo e util. Mas, olhando para o que o Parlamento tem feito até aqui, estâmos quasi em dizer que ainda bem, porque se de S. Bento começassem a saír leis destinadas a salvar tudo isto—não ha que duvidar!—iria tudo, imediatamente, pela agua abaixo...

Verdades duras, que não devem deixar de se dizer para que a responsabilidade do que se passa vá directamente a quem tocar.

DE VISITA

Inesperadamente, chegou a esta cidade o nosso conterraneo e amigo sr. Manuel Gonçalves Moreira, capitão da marinha mercante que ha mais dum ano tem sob o seu comando o vapor *Sines*, ex-alemão, e que na ultima viagem esteve prestes a ir para o fundo do mar, como tantos outros, por lhe ter aparecido um submarino boche, que o atacou, disparando-lhe inutilmente 18 tiros.

Manuel Moreira, que vem passar algum tempo entre os seus e refazer-se de tão prolongada fadiga e vivas emoções, tenciona voltar a ocupar de novo o seu lugar, continuando a evidenciar a nunca desmentida coragem e bravura de marinheiro português.

Que seja tão feliz como até agora, são os nossos desejos e certamente os dos aveirenses que lhe apreciam as qualidades de caracter manifestadas em toda a sua vida.

UM LIVRO PRECIOSO

Iconografia Portugueza

NUN'ALVARES

Editado pelo snr. Mario Salgueiro, nosso colega do *Seculo*, e pelo ilustre aguarelista sr. Alberto Sousa, acaba de ser posto á venda, sob o titulo de *Nun'Alvares*, o primeiro de uma serie de volumes de iconografia portugueza. O que temos presente é uma pequena maravilha, para a qual todos os elogios são poucos, quer o olhemos pelo intuito patriotico que presidiu á sua elaboração, quer sob o ponto de vista editorial.

Nun'Alvares é a figura mais alta da nossa historia, simbolisando melhor do que qualquer outra a independencia da Patria, que ele defendeu em Aljubarrota e Valverde contra a ambição de estranhos. Imortalisando-a no seu extraordinario poema, Guerra Junqueiro ergueu-a gloriosamente a toda a altura e colocou ao lado do poema de Camões, triunfalmente, a valentia imorredoura do braço do Condestavel.

Neste momento em que Portugal se bate nos campos da França contra o barbaro germanico, que de longe nos ameaça, relembrar os grandes herois que enchem de clarões a nossa historia, é prestar um grande serviço ao país, porque a memoria dos seus feitos e do seu amor á terra em que nasceram, levanta o animo e desperta energias novas, há muito adormecidas entre nós.

Por isso acolhemos este livro com tamanho entusiasmo, aconselhando aos nossos leitores a sua aquisição. Insere nove retratos do Condestavel, dois dos quais notaveis e um deles absolutamente desconhecido até hoje. Publica tambem, a tres côres, a reprodução do retrato a oleo pertencente aos marquezes de Pombal e cuja descoberta no ano findo tanta sensação causou. E a torna-lo completo e magnifico, o eminente escritor Julio Dantas escreveu para ele um admiravel prefacio, que é mais uma obra prima do notavel artista, publicando ainda uma longa carta do director do Museu de Arte Antiga, sr. dr. José de Figueiredo, sobre o citado retrato a oleo.

E', como se vê, um volume precioso. A edição, luxuosissima, como poucas vezes se fazem entre nós, honra as artes graficas da nossa terra, o que tambem é motivo de orgulho para portuguezes.

Reunem-se, pois, assim admiravelmente o util e o agradavel, nas mais belas e patrioticas das suas expressões. E' caso para felicitarmos os editores, prevendo ao livro um grande exito, tanto mais que o seu preço é apenas de 50 centávos (500 reis).

Ao sr. Mario Salgueiro, em especial, a expressão do nosso reconhecimento pela oferta ao *Democrata* da preciosa obra.

"Parfumerie de l'haricot„

Descerrou-se o véu do... mistério e foi permitido aos olhos profanos admirar a beleza da hortaliça que encerra a... imponente frontaria da já lendaria—perfumaria do feijão...

Aquele tapume negro, que noute e dia, numa persistencia irritante de mezes, escondia e evitava á anciedade publica o grande monumento sulfidrico—realisação de uma das mais geniaes concepções humanas, que ha memoria, caiu enfim por terra e a imortal obra surgiu béla e... cheirosa, satisfazendo a curiosidade da terra inteira, que aplaudiu, num entusiasmo delirante, o grande, o sublime, o inegualavel padrão de gloria, que hade imortalisar por todo o sempre os seus autores e... inventores!

Mãos... espirituosas fizéram com que no dia seguinte aparecessem colados em todas as janelinhas do *monumento*, papeis indicativos de que o... predio está para alugar!

Enfim: a eterna troça á eterna asneira que tal destempero atesta!

E se lhe puzéssem na frente o busto que dizem ir ser colocado no jardim, não ficava completo?

DE REMISSA

Falta-nos o espaço esta semana para tratarmos doutros assuntos além daqueles que hoje ocupam as colunas do *Democrata*.

Não ha nada perdido porque a todo o tempo é tempo.

Marques Vilar

Vitimado por uma bronco-pneumonia, faleceu na tarde de segunda-feira na sua casa do Corgo-Comum, proximidades de Ilhavo, o nosso particular amigo, sr. Antonio Maria Marques Vilar, redactor de *Os Sucessos*.

Contava 53 anos e, tendo vindo bastante novo para Aveiro, aqui iniciou a publicação do jornal, em que trabalhou até á data do seu passamento, dando-lhe, no periodo de 28 anos da sua existencia, toda a actividade de que podia dispôr, quer escrevendo quer administrando-o.

Não obstante ter nascido no concelho de Estarreja, pugnou por os interesses de Aveiro e de Ilhavo sempre que se lhe oferecia ensejo. Acompanhou na politica o partido progressista da extinta monarquia, conservando-se ainda mais ou menos afecto a esse regimen.

Conseguiu alguns meios de fortuna. Educou os filhos, como pai amantissimo, que era, e sem que o Destino lhe permitisse mais, baixou á sepultura precisamente no momento em que ainda havia a esperar algo do seu bondoso coração.

O cadaver foi sepultado no cemiterio desta cidade para onde veio acompanhado de crescido numero de eclesiasticos, pessoas de familia e alguns amigos, que souberam da trasladação. Que descance em paz. E aos seus, especialisando Argemiro e Antonio Vilar, a esta hora cumpungidos pela inesperada fatalidade de que resultou a perda do autor dos seus dias, envia o *Democrata* sentidas condolencias.

Bexigas negrais

E' com esta jocose designação que o colléga local *Distrito de Aveiro* se refere aos côrtes que a censura tem imerecidamente aplicado aos ultimos numeros deste jornal e acrescenta:

Temos pena de não saber o que havia sido impresso para podermos avaliar, com justiça, do acto da comissão de censura.

Ha facil procésso de satisfazer a curiosidade do colléga: é lêr a prova da pagina onde foi cortado o artigo. Por ela verá que, referindo-nos ao acto de posse do atual governador civil, apenas descrevemos o que se passou, dizendo quanto o colléga, por sua vez, refere.

E, assim escrevemos: que, sem espalhafatosos nem bombasticos anuncios da hora da posse do seu elevado cargo, apresentou-se no gabinête, e, na presença dos seus subordinados e alguns amigos intimos, numa totalidade de 15 a 20 pessoas, foi lido e assinado o respectivo auto.

Eis as palavras textuaes com que nos referiamos á posse do sr. governador civil, que o colléga póde verificar pela prova, rubricada pelos cavalheiros que constituem a comissão de censura preventiva e que temos em nosso poder.

A seguir aludiamos á execução da primeira medida adoptada por sua ex.ª: a demissão do administrador do concelho e escrevemos sobre o caso as considerações que julgamos oportunas, sem todavía empregar uma só palavra sequer de desprimor para o sr. dr. Adriano Amorim.

Quando aqui nos referimos á escolha do seu nome para aquele lugar, não concordando, porêm, com ela, dissémos: cumpre-nos declarar, com toda a sinceridade, que não nutrimos pelo sr. dr. Adriano Amorim a mais leve antipatia. Foi nosso contemporaneo, foi nosso condiscipulo e reconhecêmo-lhe sempre, como ainda agora, qualidades pessoaes que o tornam crédor da nossa consideração, etc.

Tambem aqui existe a respectiva prova cortada que o colléga póde verificar quando lhe aprouvér.

Não concordando com a escolha do sr. dr. Amorim para o desempenho do cargo que sua ex.ª diz ter sido coagido a aceitar, especialmente pelas suas relações de intima amizade com o sr. Barbosa de Magalhães, com a politica de quem não podemos estar, por nenhum principio, exclusivamente sobre este ponto desenvolvemos e justificamos várias considerações que não implicavam nem implicam sombra de agravo, ou disprimor para o sr. governador civil.

Restrictamente sobre o ponto de vista politico nos referimos áquela autoridade, encarando-a por absoluto nesse campo, sem uma palavra menos delicada, mas dentro da liberdade de apreciação correcta e livre, garantida a todo o jornalista, em harmonia com as disposições vigentes.

Acordámos que a urgencia de serviço publico invocada para a publicação do decreto de nomeação de sua ex.ª sem o visto do Conselho Superior de Administração Financeira do Estado, não correspondeu á demora havida entre a data desse decreto e a da posse —5 dias—e sobre tal discordancia tão flagrante, consignamos a nossa apreciação, sem o emprego tambem de qualquer palavra desagradavel para o sr. dr. Amorim.

Ora aqui tem o colléga a rasão que originou as *bexigas negrais*, que, como vê, e pelas provas de reedificação que lhe oferecemos, não póde ser mais injusta, despotica e abusiva.

E o *Distrito* sabe bem porquê.

A batata

O preço que se está exigindo na cidade por cada quilo de batata é uma exploração ignobil e revoltante a que as autoridades precisam, sem perda de tempo, pôr côbro.

Não póde ser! Seis vintens por cada quilo de batata na época da apanha e num ano, felizmente, de abundancia, é de mais, não se tolera.

Pedimos providencias. A quem compete pedimos providencias rapidas visto ser necessario entravar tão desmedida ganancia e vilissima exploração no momento em que a vida se torna para todos penosa e dificil.

Vâmos. Ou as autoridades interveem, cumprem o seu dever ou o Povo demonstrará que é uma vilanía a exploração a que o sugeitam.

Das duas, uma.

De foz... em fóra

Como logica consequencia do respeito á lei, culto á moralidade e preito á Democracia, de que todos os dias o país vae sendo, por enquanto, muda testemunha, admirando todos os exemplos que lhe fornecem, de cima, a reacção clerical aproveita a ocasião e molha a sopa.

Ora vejam a 7 anos incompletos da existencia do novo regimen, que se ufana de possuir uma lei que proibe as congregações religiosas, o que se está passando a dois passos do Porto e que necessario foi que os estranhos denunciassem já que a autoridade é das taes que só vê o que lhe convem e só ouve quando lhe dizem—péga... Vejam e vejam bem o que se está passando lá pelo norte e que um jornal insuspeito conta, levando-nos a *congratularmo-nos* com mais esta demonstração de que por todos os lados surgem provas evidentes do amor, da defêsa e da moralidade com que as instituições são mantidas e veladas pelos *fieis soldados* que de velhos homens politicos, se fizeram *politicos republicanos e republicanos democraticos*... Os mesmos por toda a parte.

Atentem:

Num dos ultimos dias da semana finda, o chefe do distrito do Porto recebeu, por mando de um individuo desta cidade, a denuncia da existencia na freguezia de Vila Bôa de Quires, no concelho de Marco de Canavezes, de uma congregação religiosa instalada

com todos os preceitos. Imediatamente o sr. governador civil ordenou ao administrador daquele concelho que procedesse a investigação no sentido de apurar até que ponto era verdadeira a denuncia e tendo a referida autoridade apurado que realmente tinha fundamento foi logo ordenado se procedesse a uma busca e arrolamento de todos os objectos e valores ali encontrados, diligencia a que se procedeu na manhã de terça-feira ultima, tendo a autoridade administrativa sido auxiliada por alguns agentes da policia judiciaria desta cidade, que para tal fim para o Marco de Canavezes seguiram na tarde de segunda-feira.

Eram 10 horas da manhã quando todos chegaram ao local indicado, que era a *Quinta da Comenda*, mais conhecida pelo povo da freguezia pelo titulo de *Casa de Nossa Senhora do Penedo*.

Depois de tomadas todas as precauções e guardadas as saídas, a referida autoridade entrou na congregação, onde apenas se encontravam cinco senhoras, a mais velha das quais conta 74 anos e pelas demais era tratada por madre ou superiora. Todas, desde logo informadas do que se ia passar, pela autoridade, declararam ser freiras professas e terem pertencido ao convento dos Capuchinhos, de Guimarães, que foi mandado encerrar pouco depois da implantação da Republica. Alêm das referidas freiras, tambem no recolhimento havia uma criada, vestindo todas secularmente.

Em seguida a autoridade administrativa depois de ter tomado as declarações prestadas pelas congreganistas, que foram de extraordinaria correcção para com aquele funcionario e demais autoridades que o acompanhavam, procedeu a busca e arrolamento de todos os haveres encontrados, que são:

Dinheiro, papeis de crédito ao portador e letras comerciais, 22:000$00; alfaias e outros objectos pertencentes ao culto, em prata, cêrca de 4:000$00; habitos, alpargas, imagens, livros de orações, bentinhos, etc., etc.

Tambem foi apreendida muita correspondencia, figurando entre esta uma carta dum padre pedindo á superiora informação sobre o dia em que determinada senhora que ha pouco professára havia de receber o habito, viste ele querer assistir a essa cerimonia.

Terminada a busca e apreensão, todos os haveres foram arrolados e entregues a um fiel depositario, sob a guarda do qual ficaram tambem as congreganistas até determinação da autoridade superior.

Dentro da casa havia uma capéla, um altar e confessionario, onde eram feitas as praticas habituais e ministrada confissão e comunhão ao povo da freguezia e de outros pontos que ali ia, sendo tambem feita catequese ás crianças, a quem distribuiam livros com orações e bentinhos.

Todos os objectos do culto foram igualmente apreendidos e arrolados.

Segundo declaração das freiras, faziam uso do habito dentro de casa e a mais velha que, como dizemos, era a superiora, declarou ter entrado para o convento dos *Capuchinhos*, em Guimarães, de onde quasi todas são, aos 14 anos, e conservando-se ali até que, quando foi encerrado, teve de o abandonar.

Parte das congreganistas tinham feito doação á superiora, da sua fortuna, constituida em papeis de crédito ao portador.

Na congregação professavam e tomavam habito, sendo na busca feita encontrada tambem uma bula pontificia.

A diligencia, que começára pelas 10 horas, terminou já depois das 21, indo no dia imediato, isto é, ontem, o administrador do Marco dar conhecimento ao chefe do distrito de tudo que se havia passado.

O recolhimento estava instalado em Vila Bôa de Quires ha alguns mezes, sendo pelo povo conhecido tambem pela *Casa das senhoras freiras*.

A acrescentar a este extraordinario e sintomatico caso, outro nos comunica a imprensa, inserindo a seguinte curiosissima novidade:

Figueira de Castélo Rodrigo, 10. — C. — Ha dias que se encontra paroquiando a freguezia de Almofala, deste concelho arraiano, um padre hespanhol, para ali mandado pelo bispo da Guarda.

Este facto, unico, segundo crêmos, no nosso país, tem levantado os mais vivos protestos, não só porque vae contra a lei da Separação, art.os 94 e 95, mas porque é uma verdadeira audacia um bispo português não ter receio de enviar um padre hespanhol para uma freguezia portuguêsa.

A quem competir pedimos imediatas providencias, a fim de se evitar um gràve conflito.

E as *filhas... de Maria*?

Só o sr. Mesquita de Carvalho é que podia sustentar que não existiam no país congregações religiosas como afirmaria, talvez, se fôsse interpelado sobre esse assunto, que não ha no país casas de... batota...

Edificante e... não continuâmos porque a censura póde intervir com aquele criterio e consideração que é, sem duvida, a melhor prova da sua reconhecida intelectualidade...

ASSOCIAÇÃO IGUALDADE

Está nesta cidade o nosso amigo snr. Joaquim Ferreira, agente fiscal da Associação de Socorros Mutuos Igualdade, que vem promover o desenvolvimento da zona que a mesma associação mandou estabelecer em Aveiro.

A Associação Igualdade é, no genero, a mais importante do país, tendo prestado até esta data um sem numero de beneficios a todos os associados.

O saldo positivo da gerencia de 1916 foi de 2:729$82, podendo talvez elevar-se ao dôbro se não se tivessem estabelecido dois postos cirurgicos em Lisboa e Coimbra, os quais estão prestando optimos serviços.

Se a população de Aveiro compreender as vantagens do meio associativo, inscrevendo-se por isso na Associação Igualdade, será tambem beneficiada, dizem-nos, com um posto de socorros medico-cirurgicos, que é de uma alta vantagem para todos.

Durante o ano findo inscreveram-se 8:039 socios, concorrendo a população de Coimbra para este numero com 1:314.

Ultima hora

A censura de Aveiro apreciada no Parlamento

Tiveram ontem éco no Parlamento as primeiras palavras de protesto contra a fórma como a censura se está exercendo nesta cidade, tendo o nosso presado amigo dr. Marques da Costa lido á Câmara um dos artigos que nos foram cortados, apezar do obstrucionismo que se desenhou por parte da maioria, a que o mesmo deputado pertence, para evitar a exautoração.

O sr. ministro do Interior respondeu que tomará as providencias que julgar convenientes e que nós aguardâmos com verdadeira anciedade...

ANUNCIOS